



MIRELLA TAMARA NUNES DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA DA DIFERENÇA: REFLEXÕES DE ALUNOS (AS)
DOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFSULDEMINAS- CAMPUS
INCONFIDENTES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS NO INTERCÂMBIO**

INCONFIDENTES -MG

2017

MIRELLA TAMARA NUNES DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA DA DIFERENÇA: REFLEXÕES DE ALUNOS (AS)
DOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFSULDEMINAS- CAMPUS
INCONFIDENTES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS NO INTERCÂMBIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
IFSULDEMINAS - Campus Inconfidentes como
requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título
de licenciado em Matemática

Orientadora: Professora Mestre Paula Inácio Coelho

**INCONFIDENTES - MG
2017**

MIRELLA TAMARA NUNES DE SOUZA

**A EXPERIÊNCIA DA DIFERENÇA: REFLEXÕES DE ALUNOS (AS)
DOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFSULDEMINAS- CAMPUS
INCONFIDENTES SOBRE SUAS VIVÊNCIAS NO INTERCÂMBIO.**

Data de aprovação: 23 de outubro 2017

Prof^ª. Me. Paula Inácio Coelho
IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes
Orientador

Prof^ª. Dra. Lidiane Teixeira Xavier
IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes

Prof^º. Me. Nilton Luiz Souto
IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes

Dedico esse trabalho aos meus pais, Vívian e Marcos, e ao meu irmão Mikael, que durante essa caminhada sempre me apoiaram com muito carinho, que compartilharam dos meus sonhos e me incentivaram nos momentos difíceis.

Dedico também a minha saudosa avó, Clarice, que foi a principal incentivadora nos meus estudos.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por iluminar sempre o meu caminho, colocando nele, pessoas que me incentivam a continuar.

Aos meus pais, Vívian e Marcos, pela vida, por todo amor, pelos conselhos e incentivos, por acreditarem nos meus sonhos e por entenderem os momentos ausentes. Sem vocês nada disso seria possível.

Ao meu guerreiro irmão, Mikael, por me mostrar que não devemos desistir diante das dificuldades da vida, e a quem busco sempre ser uma boa referência, o motivo pelo qual luto para que o Brasil tenha uma educação de qualidade.

A todos os meus familiares, especialmente meus avós, Antônio e Izabel, e ao meu tio Anderson, por todo apoio que sempre me deram para que eu conseguisse completar mais uma etapa em minha vida.

A minha querida orientadora Paula, por todo o incentivo ao longo do curso, por acreditar em mim e por fazer este trabalho acontecer.

A cada professor que tive desde o início da minha vida acadêmica, por todos os ensinamentos e por toda dedicação, por me fazerem acreditarem na educação brasileira.

Aos colegas de sala, que partilharam comigo seus sonhos, conhecimentos e angústias. A por cada conselho e risada. Guardarei nossos momentos com muito carinho.

Aos verdadeiros amigos que a faculdade me deu e ao meu namorado, por estarem ao meu lado nos momentos bons, mas principalmente por enxugarem as minhas lágrimas nos momentos difíceis. Vocês foram a minha família durante esses anos.

Agradeço aos estudantes que disponibilizaram seu tempo para contribuir com essa pesquisa, relatando suas experiências.

Por fim, agradeço ao IFSULDEMINAS por todas as oportunidades que tive. A Reitoria por me proporcionar a experiência do intercâmbio. E ao NIPE/Inconfidentes pelo fomento dessa pesquisa.

A todos, meu muito obrigada!

*“Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir”
(Lulu Santos)*

RESUMO

O presente trabalho objetiva problematizar a formação docente pelo viés da diferença, mais precisamente a experiência da diferença. Partindo das reflexões da Larrosa (2011) sobre a palavra experiência e os sentidos que o autor a atribui, busco discutir a possibilidade de o encontro com a diferença devir experiência para o sujeito que a vivencia. Para o filósofo, a experiência é algo que nos acontece e uma condição para fazer experiência é que o sujeito esteja aberto ao encontro com o outro, com a diferença, e deixar que esse outro, essa diferença, o transforme, o afete. Especificamente nesta pesquisa fiz reflexões sobre a oportunidade que estudantes dos cursos de licenciatura do IFSULDEMINAS- campus Inconfidentes têm, via programa de Mobilidade Estudantil, de cursarem um semestre do seu curso em alguma instituição estrangeira. A pesquisa, de natureza investigativa, por meio de entrevista semiestruturada, buscou compreender as percepções dos (das) estudantes sobre suas vivências como intercambistas. Investiguei as suas reflexões e percepções sobre o encontro com a diferença cultural, educacional, etc., e, também, sobre a experiência de ser o diferente em terras estrangeiras. Cheguei à conclusão, após análise das reflexões, que a experiência do intercâmbio foi muito importante para os (as) licenciandos, que o encontro com o outro os fizeram refletir e até questionar sua própria cultura e formação, ter sido o estrangeiro proporcionou aos estudantes uma grande contribuição não só acadêmica, mas também uma transformação pessoal. Para a formação docente, a experiência do intercâmbio, possibilitou aos licenciandos refletir sobre a necessidade de construir relações solidárias no ambiente escolar, de respeito às diferentes formas de expressão cultural e de pensamento. Problematizações essenciais em tempos de florescimento de discursos fundamentalistas que representam a diferença como uma ameaça.

Palavras-chave: Alteridade, Educação; Formação Docente; Mobilidade Estudantil; Subjetividade.

ABSTRACT

The present work aims to problematize teacher training through the bias of difference, more precisely the experience of difference. Starting from the reflections of Larrosa (2011) on the word experience and the senses attributed by the author, I try to discuss the possibility of the encounter with the difference to become experience for the subject who experiences it. For the philosopher, experience is something that happens to us and a condition to experience is that the subject is open to the encounter with the other, with the difference, and let that other, this difference, transform it, affect it. Specifically in this research, I reflected on the opportunity that students of the undergraduate courses of the IFSULDEMINAS-Inconfidentes campus have, through a Student Mobility program, to take a semester of their course in some foreign institution. The research, of an investigative nature, through a semistructured interview, sought to understand the students' perceptions of their experiences as exchange students. I investigated his reflections and perceptions about the encounter with cultural difference, education, etc., and also about the experience of being different in foreign lands. I came to the conclusion, after analysis of the reflections, that the experience of the exchange was very important for the graduates, that the meeting with the other made them reflect and even question their own culture and training, having been the foreigner gave the students a great contribution not only academic, but also a personal transformation. For the teacher training, the experience of the exchange, enabled the graduates to reflect on the need to build solidary relationships in the school environment, respect for different forms of cultural expression and thought. Essential issues in the flourishing times of fundamentalist discourses that represent difference as a threat.

Keywords: Alteridade, Education; Teacher Training; Student Mobility; Subjectivity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	DIFERENÇA E EXPERIÊNCIA: DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	4
3	A EXPERIÊNCIA DO INTERCÂMBIO: UM ‘CHOQUE’ DE DIFERENÇAS...9	
	3.1 QUANDO NÃO SE ENCONTRAM AS PALAVRAS... ..	10
	3.2 DESCOBRINDO OUTROS SABORES... ..	12
	3.3 A EXPERIÊNCIA DE SER O DIFERENTE EM TERRAS ESTRANGEIRAS: A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS.....	12
	3.4 DAS DELÍCIAS E DESAFIOS DE SER O (A) DIFERENTE.....	14
	3.5 O ENCANTAMENTO COM A CULTURA DO OUTRO E AS REFLEXÕES SOBRE A SUA PRÓPRIA CULTURA.....	16
	3.6 A SEGURANÇA E O CONFORTO DE ESTAR ENTRE OS SEUS.....	18
4	AS DIFERENÇAS SENTIDAS ENTRE AS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DO IFSULDEMINAS- CAMPUS INCONFIDENTES E A INSTRUÇÃO ESTRANGEIRA.....	20
5	AS IMPLICAÇÕES DO INTERCÂMBIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.....	24
6	CONCLUSÃO.....	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
	ANEXO.....	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta algumas reflexões de natureza investigativa sobre a experiência da diferença, sobre como estar em uma cultura diferente e ser o estrangeiro pode possibilitar experiência subjetiva transformadora e os impactos dessa para a formação docente. Para tanto, foquei o estudo sobre as vivências de alunos (as) e ex-alunos (as) dos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais- campus Inconfidentes, no intercâmbio, possibilitado pelo Programa de Mobilidade Estudantil, ofertado pela Assessoria Internacional do IFSULDEMINAS.

O Edital de Mobilidade Estudantil é um programa que visa promover o intercâmbio científico e cultural entre o Instituto Federal do Sul de Minas Gerais e instituições estrangeiras parceiras, proporcionando aos alunos de graduação do IFSULDEMINAS uma experiência acadêmica internacional, que integrará seu Currículo e Histórico Escolar. O objetivo do programa é auxiliar os estudantes de cursos de graduação participantes do Programa de Mobilidade Estudantil, no repasse financeiro para custear suas despesas de alojamento e alimentação, em forma de auxílio, para intercâmbio.

De acordo com a Assessoria Internacional do IFSULDEMINAS, o Programa de Mobilidade Estudantil já contemplou um total de 131 alunos (as) distribuídos entre os seis campi da rede. Dos cursos de licenciatura em geral, incluindo ciências biológicas, educação física, matemática, entre outros, de todos os campi já foram 26 alunos (as) licenciandos. Desse total, 13 são estudantes dos cursos de licenciatura em matemática ou de licenciatura em ciências biológicas do campus Inconfidentes, o que representa 50% dos estudantes de licenciatura contemplados pelo programa.

A escolha do tema de pesquisa surgiu da minha experiência como intercambista, também via programa de Mobilidade Estudantil. Após o processo seletivo no qual fui contemplada, o Edital nº 018/2015, tive a oportunidade de viver de agosto a dezembro de 2015, num total de 136 dias, no México, mais especificamente em Mérida, capital da península de Yucatán. Durante esse período, estudei na UADY- Universidade Autónoma de Yucatán, em particular na Faculdade de Matemática. Lá conheci uma cultura diferente que deixou marcas na minha subjetividade, essa experiência me transformou como futura docente, mas principalmente como pessoa, pois nesse meu encontro com o outro foi incalculável o aprendizado, as conquistas, as amizades e as histórias que vivi lá. Acredito que essas experiências foram muito importantes para a minha formação docente.

Ao longo desse artigo, colocarei em diálogo as minhas experiências com as experiências vividas pelos estudantes de licenciatura participantes desta pesquisa. Assim busco investigar como foi a experiência de intercâmbio dos alunos (as) dos cursos de licenciatura do IFSULDEMINAS/Inconfidentes. De que forma esses alunos (as) dialogaram com a diferença expressa na cultura, costumes e relações pedagógicas estrangeiras? Como foi a experiência do encontro com o diferente? Como foi a experiência de ser o (a) diferente em uma cultura estrangeira?

Tenho por objetivo analisar de que forma esses (as) alunos (as) dialogaram com a diferença de cultura, costumes e relações pedagógicas estrangeiras, além de compreender como foi a experiência do encontro com o diferente, e como foi a experiência de ser o diferente em uma cultura estrangeira.

A realização desta pesquisa foi pautada pelos pressupostos da pesquisa qualitativa caracterizada por,

“...uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.” (MENESES & SILVA, 2001, p. 20)

Para a coleta de dados utilizei a entrevista semiestruturada, possibilitando, assim, mais abertura e liberdade aos estudantes entrevistados para dialogarem sobre suas reflexões. Na condução e análise das entrevistas evitei a divisão tão tradicional nas pesquisas entre sujeito e objeto, considerando-me também politicamente e valorativamente envolvida com os sujeitos e a realidade pesquisada. Assim, deixo claro que, como pesquisadora, sou, também, carregada

de visões de mundo, princípios, que entraram em diálogo constante com os sujeitos pesquisados. Da mesma forma, não compreendo os sujeitos como objeto de pesquisa, mas como sujeitos produtores de saberes, de cultura que estarão num processo permanente de diálogo com a minha proposta de pesquisa. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois as transcrevi, preservando assim uma maior precisão das narrativas.

Foram entrevistados (as) seis alunos (as), sendo quatro alunas do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, que foram para o México. Dessas, foram duas contempladas pelo Edital N° 018/2015 e estudaram na UADY- Universidade Autónoma de Yucatán e as outras duas contempladas pelo Edital N° 009/2016, estudaram na Universidade de Colima; e dois alunos do curso de Licenciatura em Matemática, que foram para Portugal, onde ambos estudaram na Universidade do Porto, sendo um contemplado com o Edital N° 008/2013 e o outro pelo Edital N° 008/2014.

2 DIFERENÇA E EXPERIÊNCIA: DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Para o desenvolvimento da pesquisa recorri a dois conceitos centrais, são eles o conceito de diferença e de experiência. Assim, me apoiei em dois autores que discutem acerca desses temas, SILVA (2012) e LARROSA (2011), (2014).

Para desenvolver o conceito de diferença, dialogarei com Silva, que em seu artigo denominado ‘A Produção Social da Identidade e da Diferença’, explica que só existe identidade quando relacionada a diferença. Por exemplo: ser brasileiro significa não ser mexicano, não ser português. A identidade é o que sou, é uma característica, enquanto a diferença é aquilo que o outro é, ou seja, “que ela (e) não é o que sou”. Para o autor identidade e diferença são produzidas socialmente e culturalmente. Em um mundo heterogêneo, onde existem várias etnias, crenças, costumes, comidas, dentre inúmeras outras distinções, há uma disputa no campo simbólico para afirmar certas identidades e marcar as suas diferenças. Com isso, o autor conceitua identidade e diferença, e a relação de dependência entre elas. “Assim, como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.” (SILVA, 2012, p.75).

Silva deixa claro também, a existência da relação de poder na construção social das identidades e das diferenças, pois:

“A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence, sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. ‘Nós’ e ‘eles’ não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcados por relação de poder.” (SILVA, 2012, p. 82)

Um exemplo desse poder, dessa hierarquização, é quando se normaliza, padroniza, ou seja, é quando tomamos uma identidade por referência, e criamos determinados parâmetros para comparação, com isso, tudo o que não segue essa normatização, é o diferente. Silva deixa claro que, “A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. ” (2012, p.83). Como resultado, surgem as rejeições, o preconceito, a não aceitação do diferente, a discriminação. Com isso ele destaca também que:

“O outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade. A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. [...] O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outra é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. ” (SILVA, 2012, p. 96)

Frente a essa questão do problema pedagógico, surgem reflexões sobre a formação de professores, sobre a necessidade de formar profissionais que estejam preparados para lidar com as questões que se colocam sobre as diferenças no cotidiano escolar. O autor traz uma problemática interessante em relação à perspectiva do multiculturalismo em educação. Para Silva o multiculturalismo compreende a diferença como diversidades culturais preexistentes, é como se as diferenças fossem dadas, essencializadas e não construídas ao longo de um processo conflituoso de classificação e hierarquização. Por exemplo, existem os negros, existem os brancos, existem os índios, e sempre nos foi passado que devemos nos respeitar, que devemos conviver com essas diferenças, e Silva nos mostra que não existe o negro, não existe o branco, não existe o índio, mas sim, existe uma construção social sobre o que é ser negro, o que é ser branco, o que é ser índio, e é dessa construção social que surgem as hierarquias, em que, especificamente nas relações de poder que marcam a nossa cultura, o branco se coloca como a identidade, e os demais, são as diferenças. Silva conclui que, “não poderemos abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e respeito para com a diversidade cultural” (2012, p. 96), pois, por mais bonitos que possam parecer, esses sentimentos não condizem com a real relação entre identidade e diferença, nem tão pouco as veem como processos da produção social, pois essa questão, vai muito além de simplesmente tolerar e respeitar.

Nesse contexto, Silva defende a pedagogia da diferença, ou seja, uma pedagogia que questione as relações de poder que produzem a identidade e a diferença, e não as veja simplesmente como fatos preexistentes. Para o autor “educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na pedagogia da diferença.” (SILVA, 2012, p. 101).

Para o conceito de experiência vou me embasar em Larrosa (2011), especificamente em seu artigo intitulado ‘Experiência e Alteridade em Educação’, no qual o autor traz uma interessante problematização sobre a possibilidade de o encontro com o diferente, com a diferença devir experiência para o sujeito. Mas, o que Larrosa chama por experiência?

Quando pensamos em experiência uma das primeiras coisas que nos vêm à cabeça, são as experiências científicas, mas a isso Larrosa denomina experimento, pois o é algo premeditado, é algo planejado, em que já temos alguma ideia do que irá acontecer. De acordo com o conceito de Larrosa, a experiência não pode ser planejada ou controlada. Ela simplesmente acontece. Outro sentido comum à palavra experiência é que ela significa o saber acumulado por alguém, é o conhecimento adquirido ao longo de um período de tempo, dizemos sempre que um professor é experiente devido ao seu tempo de magistério, e em muitos casos relacionamos seu bom desempenho como professor devido a essa experiência, porém, no sentido de Larrosa, experiência não é acúmulo de conhecimento e o autor nos traz um conceito que vai muito além do experimento e do experiente.

Larrosa então constrói todo um conceito através da frase: “a experiência é ‘isso que me passa’”, é algo que acontece em mim. Por meio, dessa frase o autor pontua palavra por palavra, conceituando experiência. O *isso* significa um acontecimento que passa por mim sem que este seja pensado ou planejado, é algo que não depende de mim, dos meus pensamentos ou das minhas intenções. O *me*, é o sujeito da experiência, é um acontecimento exterior a mim, mas o lugar da experiência sou eu, é em mim que acontece a experiência. O *passa* significa um percurso, uma viagem, uma travessia, é algo incerto e supõe um risco. Para o autor:

“Se a experiência é “isso que me *passa*”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me *passa*”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida.” (LARROSA, 2011, p. 8)

Outro ponto importante que o autor destaca é o ‘princípio da singularidade’, por mais que várias pessoas tenham passado pelo mesmo acontecimento, cada uma vive uma experiência diferente. Um exemplo disso são os alunos do programa de Mobilidade Estudantil. Muitos foram para o mesmo país e cursaram a mesma universidade e disciplinas, conheceram os mesmos lugares, no entanto, ao serem entrevistados cada um relatou a experiência da sua maneira e o que mais o marcou, cada um vivenciou a experiência de um modo, cada um trouxe na bagagem uma experiência diferente. Por isso, dizemos que a experiência é singular, única. Esse ‘princípio da singularidade’ está diretamente ligado a questões temporais, que Larrosa denomina como ‘princípio de irrepetibilidade’, ou seja, além da experiência ser única para cada ser, dizemos também que o momento é único, pois por mais que o acontecimento se repita a experiência vivida não será como a anterior. Retomemos ao exemplo do programa de Mobilidade Estudantil. Por mais que todos alunos (as) ex-intercambistas tenham a oportunidade de realizar outra vez o intercambio, de voltar para o mesmo país, de estudar na mesma instituição, de conviver com as mesmas pessoas, mesmo que tudo isso acontecesse novamente, a experiência seria diferente, pois esses alunos já teriam uma bagagem a mais, por isso a experiência é única e não se repete, ela “vem por acaso, sem previsão, e possibilita uma experiência do até então não vivido, do até então não pensado, do até então não dito.” (COELHO, 2014, p.1). Poderíamos dizer, então, que “a experiência é a repetição da diferença. [...] A experiência, portanto, sempre tem algo de primeira vez, algo de surpreendente. ” (LARROSA, 2011, p.17).

Para que haja a experiência é preciso que o sujeito esteja aberto ao encontro com o diferente, que o sujeito aceite experimentar o novo, o outro. Larrosa deixa claro que no mundo em que vivemos, onde temos informações sobre tudo e tempo para nada, está cada vez mais difícil ‘passarmos’ pela experiência, pois ela só acontece quando nos marca, quando temos tempo para senti-la, ela nos transforma. Mas para o autor essa transformação não tem o sentido de evolução, de que nos transformamos em algo melhor, mas simplesmente que já não podemos ser mais os mesmos que éramos antes da experiência. O autor conclui então que:

“A experiência é o que me passa. Não o que faço, mas o que me passa. A experiência não se faz, mas se padece. A experiência, portanto, não é intencional, não depende de minhas intenções, de minha vontade, não depende de que eu queira fazer (ou padecer) uma experiência. A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição. ” (LARROSA, 2011, p. 22)

Frente a essas conceituações, analisaremos, as narrativas dos alunos (as) e ex-alunos (as) intercambistas sobre como dialogaram com as diferenças vivenciadas em outro país e instituição. Como foi a experiência de ser o diferente em uma cultura estrangeira e quais as implicações para a formação docente.

3 A EXPERIÊNCIA DO INTERCÂMBIO: UM ‘CHOQUE’ DE DIFERENÇAS

Considerando que o objetivo deste trabalho é analisar as narrativas de alunos (as) e ex-alunos (as) dos cursos de licenciatura do IFSULDEMINAS/Inconfidentes, contemplados pelo programa de Mobilidade Estudantil entre os anos de 2013 a 2016, trago também para o diálogo a minha experiência de intercambista. Para preservar a identidade dos (das) estudantes entrevistados (as), seus nomes foram trocados por nomes fictícios.

- Intercambista 1: Diana, aluna do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, estudou na Universidade de Colina, no México no segundo semestre, de agosto a dezembro de 2016.
- Intercambista 2: Fabiana, aluna do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, estudou na Universidade de Colina, no México no segundo semestre, de agosto a dezembro de 2016.
- Intercambista 3: Francisco, ex-aluno do curso de Licenciatura em Matemática, estudou na Universidade do Porto, em Portugal, de setembro de 2014 até fevereiro de 2015.
- Intercambista 4: Helena, aluna do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, estudou na Universidade Autónoma de Yucatán, no México, situada na cidade de Mérida, de agosto a dezembro de 2015.
- Intercambista 5: Lucas, ex-aluno do curso de Licenciatura em Matemática, estudou na Universidade do Porto, em Portugal, de setembro de 2013 a fevereiro de 2014.

- Intercambista 6: Talita, aluna do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, estudou na Universidade Autónoma de Yucatán, no México, situada na cidade de Mérida, de agosto a dezembro de 2015.

Os (as) estudantes responderam algumas perguntas sobre a vivência do intercâmbio e suas percepções e experiências em relação às diferenças culturais sentidas e as implicações para a sua formação como docente.¹

Ao analisar as falas dos (as) estudantes alguns temas se destacaram e considerei relevantes para a minha pesquisa, são eles: o motivo que os (as) levaram ao intercâmbio; o contato inicial com a língua estrangeira; a percepção dos estereótipos em relação a sua cultura e à cultura do outro; a experiência de ser o diferente; o contato com a cultura estrangeira e a construção de um novo olhar sobre a sua própria cultura e a importância dessas vivências para a sua formação enquanto docente.

Vou iniciar pela motivação dos (as) estudantes para fazer o intercâmbio. É notório que para todos (as) o principal interesse ao se inscrever no programa de Mobilidade Estudantil, é ter a chance de conhecer outro lugar, outra cultura, outras pessoas, ter o contato com outra língua, além de melhorar o currículo para futuras pós-graduações, como o mestrado e o doutorado, e também muitos optam por matérias para acrescentar na elaboração dos seus respectivos trabalhos de conclusão de curso, TCC. Destaco aqui a fala da aluna Helena, na qual ela diz:

“Bom, primeiramente quando veio a ideia do intercâmbio eu pensei em relação ao mestrado, porque é um sonho que eu tenho de realizar um mestrado, aí eu vi como uma chance assim que ia me engrandecer muito, principalmente em termos do meu currículo, nesse sentido. E a outra sensação assim que me veio relacionada ao intercâmbio, foi também de querer conhecer outro lugar e querer também aprender outro idioma que no caso é referente ao país que eu escolhi.”

3.1 QUANDO NÃO SE ENCONTRAM AS PALAVRAS...

Passado todo o processo seletivo, a euforia de ver seu nome entre os classificados, e de ir se preparando para o embarque, é chegada a hora desbravar novas terras, e um dos grandes desafios para os intercambistas ao chegarem em um país diferente, é a língua.

¹ O questionário respondido pelos (as) intercambistas encontra-se em anexo.

As alunas que realizaram o intercâmbio no México, onde a língua oficial do país é o espanhol, destacaram que foram sem saber falar nada do idioma, que nas primeiras semanas foi bem difícil a fase de adaptação, a aluna Diana relata que:

“Foi o período difícil, eu não conseguia falar, eu não conseguia comunicar, aí a gente fazia mímica ou a gente imitava o som, por exemplo se a gente queria comprar carne de porco a gente imitava o porquinho, se era carne de vaca a gente imitava a vaca, mas foi rápido no meu ponto de vista. Na escrita, teoricamente, na conjugação dos verbos eu não sei mesmo. Mas no meu ponto de vista eu acostumei rápido na fala, eu aprendi rápido. ”

Helena: “Foi muito difícil, como eu não tinha conhecimento nenhum do idioma, quando eu cheguei foi muito impactante para mim. Porque eu achei que não iria conseguir, achei que eu não iria dar conta, até me senti um pouco com medo. Mas depois foi uma coisa bem superada”

O meu caso não foi muito diferente do dessas alunas, pois quando pousei no aeroporto foi quando realmente a ficha caiu, foi quando percebi que estava em outro país e que iria vivenciar a experiência do intercâmbio e o primeiro choque com essa realidade foi a língua. Ouvir as pessoas conversando me fez sentir um pouco de medo de não me adaptar, de não conseguir me expressar, os primeiros dias são bem complicados, a nossa sorte é que o espanhol tem uma certa familiaridade com o português, até costumávamos a brincar que o idioma que falávamos era o *portunhol*, era uma mistura do nosso português e do espanhol. Tive também a oportunidade de realizar um curso de espanhol, com um professor mexicano, o que me ajudou muito durante o intercâmbio, sem falar, é claro, na ajuda dos mexicanos que sempre nos auxiliavam muito.

Já para os alunos que foram para Portugal pude perceber bem o que Larrosa conceitua por princípio da singularidade em relação à experiência, ela é única para cada sujeito, mesmo que ambos passem pela mesma situação. Segundo o autor

“...não há experiência em geral [...] ou, dito de outro modo, que a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio” (LARROSA, 2011, p. 07)

No caso dos estudantes que foram para Portugal, a língua foi sentida de forma muito particular, enquanto um aluno sentiu um grande impacto (Francisco), o outro (Lucas) não sentiu nenhuma grande diferença.

Francisco: “Eles além de falar palavras diferentes, o sotaque é muito diferente. No primeiro mês parecia que eu estava em um país de língua totalmente estrangeira, não entendia nada que eles falavam, mesmo sendo português. Então eu tive dificuldade com transporte para chegar a alguns destinos, para chegar na faculdade. No primeiro dia eu precisava chegar até a reitoria, daí eu cheguei para perguntar para um policial onde que ficava, ele me explicou...explicou e eu não entendi nada o que ele falou. Então a língua trouxe bastante dificuldade, mesmo sendo o português, foi difícil de acostumar. ”

Lucas: “Não, nenhuma. Portugal é um país que tem, a língua tem peculiaridades, o nosso português e o português deles é diferente, isso é natural; mas assim, as formas de expressões coloquiais, as não cultas, você acaba sentindo um pouco de diferença, mas eu diria assim, que uma semana, duas, você está totalmente habituado, que seriam as gírias deles, a maneira não formal de falar, e como todo mundo utiliza, com uma semana eu me habituei completamente à língua, não tive nenhum problema. ”

3.2 DESCOBRINDO OUTROS SABORES...

Um outro grande impacto para alguns intercambistas, principalmente que foram para o México, inclusive para mim, foi em relação a comida, em particular eu não gosto de pimenta, e em Mérida é tudo muito apimentado, a pimenta faz parte da cultura dos mexicanos. Destaco, a fala desses intercambistas,

Diana: “[...] o impacto maior mesmo foi com a comida, porque é muito diferente. ”

Fabiana: “[...] a comida me impressionou muito, porque tudo tem pimenta e tudo é com tortilha. ”

Talita: “Para mim foi bem difícil me adaptar com a alimentação; a comida para mim até quando a gente veio embora eu não consegui me adaptar, infelizmente, provei algumas coisas, e teve coisas que eu não tive interesse em provar, mas teve coisas que eu gostei muito. ”

Já os estudantes que foram para Portugal não destacaram a comida em suas falas.

3.3 A EXPERIÊNCIA DE SER O DIFERENTE EM TERRAS ESTRANGEIRAS: A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Outro fato interessante é o que Silva chama por mitos fundadores, ou seja, são narrativas e representações simbólicas que criam uma identidade para determinada região, cultura, país. O autor diz:

“Juntamente com a língua, é central a construção de símbolos nacionais: hinos, bandeiras brasões. Entre esses símbolos, destacam-se os chamados ‘mitos fundadores’. Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional.” (SILVA, 2000- p.85).

Senti muito as representações sobre o Brasil que remetem a um estereótipo, ou seja, à fixação e à universalização de nossa identidade tomando por referência alguns símbolos “nacionais”. O Brasil tem uma fama bem peculiar na região em que vivi no México, para eles o nosso país se resume em samba e futebol. Até mesmo na reunião de boas-vindas aos intercambistas, realizada pelos membros responsáveis do programa de intercâmbio da UADY, na qual havia intercambistas do mundo inteiro, um dos professores ao falar que estavam recebendo um número grande de brasileiros aquele ano, disse que nós brasileiros iríamos ensiná-los a sambar, a beber caipirinha e a jogar futebol. E em qualquer lugar, quando falava que era brasileira logo estava associada a gostar de sambar e de futebol. Era muito espantoso para eles quando eu falava que não sabia sambar. A intercambista Diana também retratou isso:

“Eles têm um estereótipo sim, se você é brasileiro você tem que gostar de carnaval e futebol, aí quando eu falava que eu não sambava, que eu não gostava de carnaval e nem de futebol, eles falavam: então você não é brasileira. Então, é isso que eles conhecem do Brasil. ”

Porém, nós também reproduzimos estereótipos em relação às outras culturas. Diana cita que quando chegou ao México foi bem diferente do que ela imaginava, ela desconstruiu todo um conjunto de representações que as novelas mexicanas nos passam, para ela,

“Quando eu estava aqui uma coisa que escutava muito e também via pelas novelas era que lá era um país muito católico, e eu achava que eles iam expressar mais isso, igual a gente vê na retratação é tudo mais exagerado. Porque na verdade não é. ”

Francisco também relatou que teve uma grande surpresa com a diferença entre aquilo que imaginou sobre Portugal e o que viveu.

“Porque a gente não tem tanta noção de como realmente é o país, e quando a gente chega lá que a gente dá de cara com uma surpresa bem grande que é totalmente diferente do que a gente imaginava. ”
(Francisco)

Diante da desconstrução de estereótipos, percebemos que a experiência é uma incerteza, é um talvez, é algo inesperado e que nos surpreende, pois os intercambistas se surpreenderam ao chegar em seus respectivos países e perceberam que a construção que eles haviam feito sobre como realmente era o país, foi bem diferente, sobre isso Larrosa destaca que,

“Porque a abertura que a experiência dá é a abertura do possível, mas também do impossível, do surpreendente, do que não pode ser. Por isso a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade. ” (LARROSA, 2011, p.19)

3.4 DAS DELÍCIAS E DESAFIOS DE SER O (A) DIFERENTE

Todas as alunas que fizeram o intercâmbio no México destacaram o caloroso acolhimento que tiveram, relataram que o povo mexicano é muito prestativo e atencioso. Durante minha experiência também pude perceber isso. Os mexicanos foram muito acolhedores e receptivos e estavam sempre dispostos a nos ajudar. Se você pedia informações de onde ficava tal lugar a um desconhecido que estava passando na rua, ele simplesmente parava o que estava fazendo e explicava com toda a calma do mundo e em alguns casos nos levavam até a porta do local. As alunas retratam que além de serem muito bem recebidas, em nenhum momento ser o diferente em uma terra estrangeira lhes causou algum incômodo.

Diana: “Não, foram só pontos positivos, era legal porque todo mundo sabia que a gente não era de lá, mesmo quando a gente achava que estava falando bem as pessoas falavam: nossa de onde você é? Aí pensava, não estou falando bem ainda não! Só que eu não me senti diminuída ou mal por alguma coisa assim, eu achei tranquilo. As pessoas faziam questão de ajudar e não desconfiavam da gente. Eu me senti bem, eu me senti como se fizesse parte de lá. ”

Fabiana: “Todo mundo é super receptivo, todos me aceitaram, todos me ajudaram. Eu me sentia a ‘diva’, porque todo mundo vinha conversar comigo para saber do Brasil, como era; claro que com aquele estereótipo de que a gente sabe samba, a gente veste roupa curta, que tem tiroteio por todo lado, mas vieram na curiosidade. ”

Helena: “Eles tratavam bem a gente, como o diferente mesmo, mas no sentido de não como o estranho, vou deixar para lá; era no sentido de o diferente, quero estar perto, quero conhecer, quero aprender, quero ajudar. Aí então o pessoal vinha muito querer saber sobre o Brasil, e eu não achei isso uma coisa ruim, eu achei legal porque a gente compartilhou muita coisa cultural, nesse sentido, por ser o diferente e para mim foi uma coisa bacana. ”

Talita: “Eu me senti muito bem, porque aqui a gente é igual para todo mundo, ninguém te repara, mas lá você se sente bem por ser o diferente, porque lá para eles tudo seu é novidade e é muito bom saber da sua vida, como que é no seu país, e tem outros países que a gente ficou sabendo que não tem tanto interesse assim, eles não têm interesse tanto em saber da sua vida, da nossa cultura, quanto em nos ajudar. ”

Outra vez, destaco a diferença da experiência vivida pelos intercambistas que foram para Portugal, um destacou que sentiu uma grande dificuldade de se aproximar dos portugueses e até os colocou como *frios*, relatou que sentiu um pouco de incômodo diante disso.

“A questão do ser humano, do brasileiro e do português, acho que isso também vai da cultura. Os portugueses são muito frios, eles não são muito acolhedores, às vezes, você vai pedir uma informação eles respondem de qualquer jeito, ainda mais por você ser brasileiro, você tem um pouco de discriminação. Eles tratam muito mal os brasileiros, são um pouco sem educação. Olha para o brasileiro já com um olhar de superioridade. Eles não tratam bem os brasileiros, eles também não têm uma visão boa do Brasil. Então, isso foi que me deixou bastante surpreso. Porque eu realmente não pensava que eu iria encontrar com isso, com esse choque cultural. Porque aqui no Brasil é muito comum você entrar em uma faculdade e depois de um tempo já conhecer bastante gente, você ter amizades, conversar... agora lá não, nos seis meses que eu fiquei lá eu não consegui amizade com nenhum português da minha turma. ” (Francisco)

Francisco ao citar que sentiu um olhar de superioridade dos portugueses para ele, reforça a discussão de Silva sobre as relações de poder que dão origem à construção social da identidade e da diferença, ou seja, por terem sido os nossos colonizadores, a identidade portuguesa se impôs como referência, como norma e, nós brasileiros, índios, negros, fomos representados como aquilo que difere dessa referência. Tanto colonizadores, quanto colonizados, guardam marcas, em sua cultura e subjetividades, desse processo. Para Silva,

“A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição- discursiva e linguística- está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem

harmoniosamente, lada a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas. ”
(SILVA, 2000, p.81)

O outro estudante que foi para o mesmo país e estudou na mesma instituição, sentiu de forma mais sutil essa demarcação de fronteiras entre portugueses e brasileiros, porém, isso não o marcou tanto, ele destaca que:

“Aconteceram sim episódios isolados, muito peculiares, em que o brasileiro é mal visto, ele não é bem-vindo em determinados grupos, mas assim, são coisas muito particulares, que eu nem considero como uma discriminação, ou um preconceito, etc, porque pra mim também não faz diferença nenhuma, [...] fiz amizade com português também, muitos, por conta das disciplinas, eu fiz um amizade muito bonita com dois portugueses, que a gente troca e-mail até hoje, eles mandam lembranças, mandam abraços, pergunta como é que está; é uma coisas bem interessante, bem bacana.” (Lucas)

3.5 O ENCANTAMENTO COM A CULTURA DO OUTRO E AS REFLEXÕES SOBRE SUA PRÓPRIA CULTURA

Para as intercambistas que moraram em Mérida, capital da península de Yucatán, onde por toda a região se localizam as ruínas da civilização Maia, o impacto cultural foi muito grande. Eu, como intercambista que fui para a mesma região, também destaco a grandiosidade cultural. A cultura desse lugar é incrível! A história do povo Maia é encantadora, ter visto construções de séculos atrás, a arquitetura perfeita, o conhecimento que eles tinham e, o mais surpreendente, é que, mesmo com o passar dos anos, isso ainda permanece de pé. Digo isso não só pelas belíssimas construções que, em boa parte, permanecem intactas, mas também pelo valor que esse povo tem para com a sua história. Fiquei fascinada ao ver muitas pessoas falando a língua nativa dos Maias e como as escolas valorizam isso, pois até mesmo a UADY- Universidade Autônoma de Yucatán, oferece disciplinas para o aperfeiçoamento desta. E isso também me fez questionar sobre a cultura dos nossos nativos, sobre o quão pouco temos informações sobre eles e o quanto estes são desvalorizados diante da história do nosso país, pois na maioria das vezes só nos lembramos deles no dia 19 de abril, dia do índio.

Para reforçar esse encantamento diante da cultura Maia, Helena e Talita retratam que:

Helena: “Eu me apaixonei pela cultura! Eu achei muito legal em relação deles ainda ter muitos traços indígenas, e eu achei bem legal. É uma coisa bem diferente porque no Brasil a gente não tem isso, não damos esse valor principalmente ao povo indígena que é aqui do Brasil, o Tupi Guarani. Então a gente não tem esse contato, nem conhece como que é a cultura. Nossa eu nem sei direito como que é a cultura indígena aqui do Brasil. ”

Talita: “Lá a cultura deles, eles são bem ricos, eles trazem muito a cultura deles à tona, a língua, as vivências Maias, o passado é muito presente. Eles fazem questão, a todo lugar que você vai tem monumentos, tem músicas, tem coisas que trazem à tona esse passado, e eu achei bem bonito isso. ”

Com a fala da aluna Helena, podemos perceber que o contato com o diferente também a fez pensar na sua própria cultura, sobre como em nosso país não há essa mesma valorização da cultura indígena. Além disso, esse contato com uma cultura diferente da sua fez com que a estudante percebesse a importância de se compreender a pluralidade de formas de expressão cultural, pensamentos e manifestações sobre um mesmo aspecto da realidade. Uma outra colocação em que podemos perceber isso;

“ [...] outra coisa que eu achei bem legal foram as questões dos rituais, eles estão bem ligados a isso, por exemplo, no dia dos mortos, lá eles vêm de uma forma bem diferente, a crença deles é diferente da nossa, eles acreditam que a alma vem nesse dia, então eles preparam todo um banquete específico, faz um altar com a foto do morto, é tipo uma festa mesmo, e isso me deixou bem surpresa mesmo. É bem legal! E essa coisa me fez até refletir na minha vida, de como são diferentes as coisas, como são diferentes as crenças de um país para o outro. Eu já imaginava que seria diferente, mas não imaginava o quão era legal esse diferente. ” (Helena)

Uma coisa que também me chamou muito a atenção e que me fez pensar sobre o meu país, foi o feriado da independência, comemorado no dia 16 de setembro. Os mexicanos são muito patriotas, para eles a independência do país é uma festa. Pude perceber que se compara às comemorações de natal que temos aqui no Brasil. Eles enfeitam a casa com bandeiras, reúnem a família e os amigos e fazem uma ceia, eles se vestem, e até pintam o rosto, com as cores da bandeira do México, isso me surpreendeu bastante, pois aqui no Brasil só acostumamos a vestir a camisa quando tem jogo da copa do mundo, e ver o quanto eles são apaixonados pelo seu país, mesmo este tendo vários problemas políticos também, foi muito bonito de se ver.

O intercambista Lucas também relata o seu deslumbramento diante da presença em outra cultura, ele deixa claro que tentou explorar ao máximo cada coisa desse país, segundo ele:

Lucas: “Ah eu estava maravilhado! Porque eu estava no país que colonizou o meu país, então assim, é como se a história começasse a fazer sentido, então eu procurei explorar o máximo que eu pude aquele país, tanto é que eu fui um dos que menos viajou para países fora e mais explorou Portugal; quê que a gente fazia, a gente juntou um grupo de amigos, um que morava comigo e o outro que se tornou um grande amigo meu, todo final de semana a gente pegava o trem e ia para uma cidade local. E todas as cidades são recheadas de histórias, claro que o símbolo de Portugal seria a capital, Lisboa, em segundo lugar o Porto, Coimbra, essas cidades menores, mas assim o impacto cultural foi... eu não tive impacto na verdade, eu fiquei maravilhado, eu não assustei com nada, eu só fiquei maravilhado mesmo com aquilo tudo que eu estava vivenciando, poxa, eu estava estudando em uma universidade europeia, filhos de pais que não concluíram nem o ensino médio, e eu estava estudando em uma das universidades referência na Europa, então pra mim naquele momento foi um período de êxtase eu diria. Foi muito interessante, foi muito, muito bacana, eu estava muito feliz, estava aproveitando ao máximo a universidade, as disciplinas, a questão cultural, eu procurava experimentar todos os sabores, ler tudo o que eu podia ler, visitar todos os museus, enfim, esses tipos de coisas que eu procurei fazer lá nesse período.

De acordo com Larrosa a experiência da diferença exige, para que aconteça, um sujeito aberto ao outro, um sujeito que se permita experimentar o outro despido de suas concepções, pré conceitos e esteja disposto ao exercício da alteridade. Para Larrosa,

“...se trata de um sujeito que é capaz de deixar que algo lhe passe, quer dizer, que algo passe a suas palavras, a suas ideias, a seus sentimentos, a suas representações, etc. Trata-se, portanto, de um sujeito aberto, sensível, vulnerável, ex/posto.” (LARROSA, 2011, p. 07)

Helena e Lucas trazem muito dessa abertura em suas falas. No caso da Helena a experiência do intercâmbio a fez refletir sobre seu país, sua cultura e costumes, a fez questionar a sua identidade. Já na fala do Lucas destacamos a abertura e encantamento com a cultura do outro e a disposição e desejo em conhecê-la.

3.6 A SEGURANÇA E O CONFORTO DE ESTAR ENTRE OS SEUS

Um ponto favorável para a nossa adaptação é que, quando participamos do programa de Mobilidade Estudantil, vamos sempre acompanhados de algum outro colega brasileiro que também estuda no IFSULDEMINAS, em particular, no meu caso fomos em um total de 14 intercambistas, dos quais 13 se hospedaram na mesma casa, onde também moravam alguns mexicanos. Costumávamos brincar que estávamos no *Big Brother México*, pois estávamos em uma casa com muitas pessoas que mal conhecíamos, vivendo uma experiência única, só que no final todos receberiam o ‘prêmio’ por ter chagado ao final.

Os (as) estudantes entrevistados (as), deixam claro a importância de não estar totalmente sozinhos:

Francisco: “ A gente se sente muito perdido, o bom do intercâmbio do Instituto é que a gente não vai sozinho, então isso ajuda bastante, desde o aeroporto até depois quando eu estava morando com o pessoal eu não estava sozinho, então eu acredito que isso ajudou bastante. ”

Lucas: “É verdade também, que eu fui em situação também peculiar, porque eu fui acompanhado de duas meninas da biologia, duas meninas da matemática, e eu ainda morava com um brasileiro, e fiz amizade com mais três brasileiros, então a gente ficava entre brasileiros, então, de uma forma geral, eu fiquei super bem lá. ”

4 AS DIFERENÇAS SENTIDAS ENTRE AS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DO IFSULDEMINAS- CAMPUS INCONFIDENTES E A INSTITUIÇÃO ESTRANGEIRA

Grandes desafios foram encontrados pelos estudantes enquanto intercambistas, o impacto com a cultura, o encontro com o diferente, a experiência de ser o outro, mas e a relação pedagógica? Será que foi diferente o ensino, a instituição? Vejamos o que os (as) alunos (as) destacam sobre esses pontos.

Os intercambistas Francisco e Lucas, destacam aqui um ponto em comum frente a experiência do intercâmbio vivido em Portugal. Ambos trazem relatos parecidos, destacando o alto nível da educação portuguesa, eles acreditam que esse alto nível no ensino se dá devido a uma boa estruturação do ensino básico. Lucas sentiu tanto essa diferença no ensino que para ele, o principal impacto cultural foi a relação pedagógica, pois:

“Eu senti um impacto grande no nível da universidade portuguesa para o Instituto Federal do Sul de Minas, especificamente isso, senti uma diferença, o hábito de estudo deles, eles estão muito acima da gente; a questão disciplinar, estão muito acima da gente; autonomia para estudar, eles estão muito a frente da gente; então acaba que é uma questão que já traz da base. O ensino médio, que lá é secundário, muito mais estruturado que o nosso, então assim, você acaba percebendo algumas diferenças. ” (Lucas)

Francisco: “Agora a questão de estudar foi muito difícil, porque eles têm um nível de ensino muito mais alto, o tempo de escola que eles têm, de estudo escolar, as matérias é, vamos dizer superiores que a nossa. Por exemplo, a gente que faz matemática, eu vi que eles aprendem limites, derivadas e integrais já no primeiro, segundo e terceiro ano do colégio; então, quando eles vão para a faculdade aquilo já não é mais novidade para eles. Eles já mexem com calculadora gráfica no colégio e a gente não viu isso nem na faculdade. Então adaptar com o nível de ensino que eles tinham lá com o que a gente tem, foi bem difícil. ”

Destaco aqui um fato que me deixou muito surpresa, o ‘rigor’ na educação superior dos mexicanos, fazendo com que estes se dediquem ao máximo para conseguirem a nota mínima de 70 pontos para serem aprovados nas disciplinas. Em conversa com uma colega de lá, ela me disse que o aluno tem quatro chances de ser aprovado em uma disciplina, ele se matricula e a cursa. Caso não seja aprovado tem direito a uma recuperação e se mesmo assim não passar ele repete esse processo. Se novamente não conseguir a aprovação ele é ‘expulso’ da carreira, sendo impedido de cursá-la em qualquer outra instituição do país, sendo ela pública ou privada. Outro fato que me chamou a atenção foi que os alunos em um certo momento do curso, fazem um exame de proficiência em inglês e, caso não obtenham uma pontuação mínima, ficam retidos no curso, ou seja, suas matrículas são trancadas para se aperfeiçoarem no idioma. Só depois de obter a nota necessária eles têm a permissão para continuar o curso.

Para as alunas Helena e Talita, que estudaram na mesma instituição, cursando as mesmas disciplinas, na área de química, ambas também trazem pontos bem parecidos. Uma grande dificuldade para elas foi em relação aos métodos avaliativos.

Helena: “Outra dificuldade foram as matérias que eu escolhi, que eram matérias muito puxadas, o que exigiu muito de mim, exigiu muito estudo, pois a metodologia era muito diferente, porque a prova em uma matéria era exigida do aluno que ele obtivesse pelo menos 60 pontos em cada prova, e se ele não obtivesse 60 pontos na primeira, ele nem precisava fazer as próximas, ele já estava reprovado. Mas depois deu tudo certo! ”

Talita: “Para mim foi o método de avaliação, que foi onde eu entrei em desespero na faculdade, porque eu nunca tinha passado por isso e era muita pressão porque o método de avaliação deles era muito diferente do nosso, então a chance de reprovar era muito maior do que o da gente aqui. ”

A minha principal dificuldade encontrada no intercâmbio frente os aspectos educacionais, foi de não ter um colega brasileiro comigo na sala de aula, pois quase todos os outros brasileiros, que foram para a UADY através do programa de Mobilidade Estudantil, pelo mesmo edital que eu fui, tinham um ou mais colegas brasileiros no curso, e eu pude presenciar o quanto um ajudava o outro, como por exemplo as alunas Helena e Talita. Com isso eles não eram o diferente sozinho, acredito que se tivesse um outro discente do curso de Licenciatura em Matemática a minha fase de adaptação na instituição seria mais rápida, pois entrei em um ambiente onde todos já se conheciam e tinham seus grupos formados, e, às vezes era, difícil me

encaixar em algum, visto que os grupos já tinham a quantidade máxima de pessoas ou pares estipulados pelo professor.

Frente as falas desses quatro alunos (as) sobre a experiência do intercâmbio e as relações pedagógicas entre o IFSULDEMINAS e suas respectivas instituições estrangeira, podemos perceber que esta experiência foi sentida por eles (elas) de uma forma mais igualitária, pois todos (as) destacam pontos bem semelhantes desse processo.

Outras diferenças sentidas pelas intercambistas Diane e Talita, foram em relação ao incentivo ao esporte, à cultura e a autonomia e participação dos estudantes.

Diana: “ A parte esportiva, eles incentivavam muito a parte esportiva e cultural, coisa que aqui a gente vê que a parte cultural eles incentivam bastante, mas a esportiva não. ”

Talita: “A direção da faculdade, o professor, o diretor, o coordenador... eles davam uma brecha para os alunos fazerem as coisas. Então os alunos tinham autonomia, total autonomia para organizar um evento, organizar um congresso, um simpósio na faculdade, era tudo direcionado aos alunos; eles podiam ajudar, faziam reuniões. Então a sociedade dos alunos lá era muito presente, eles lidavam com dinheiro, eles organizavam os eventos com dinheiro, eles tinham que arrecadar dinheiro e tudo funcionava, tudo girava. Eles tinham muito autonomia. ”

As diferenças entre as relações pedagógicas do IFSULDEMINAS/ Inconfidentes e a instituição parceira para a realização do intercâmbio, fez com que o aluno Lucas, refletisse sobre a nossa instituição, sobre a matriz curricular do curso de Licenciatura em Matemática, Lucas traz a seguinte colocação:

“Então, quando a gente voltou, eu tive a oportunidade aqui, de em duas circunstâncias, de fazer uma análise, uma análise pessoal, claro, sobre as diferenças das instituições, e essa análise vem em forma de crítica, porque a gente percebe que o Instituto ele está muito atrás; a questão do rigor na educação, da qualidade de ensino de uma forma geral, do conteúdo, e assim quando a gente foi para Portugal, a gente percebeu isso na pele, como que nós estávamos atrasados e como que a gente teve que correr atrás para acompanhar a turma, e quando a gente conseguia acompanhar a turma, ela já estava muito a frente, na verdade a gente estava acompanhando a disciplina, não a turma, para acompanhar a disciplina você via que a turma já estava lá na frente, então claro, cada disciplina traz a sua dificuldade, mas a gente sentiu que se aqui no Brasil, no caso no Instituto Federal, fosse um pouco diferente, o hábito de estudo, os conteúdos que não foram dados aqui,

se fosse um pouco diferente, talvez a gente tinha se adaptado de maneira mais fácil, a gente teria um pouco menos de dificuldade de se adaptar, [...]vamos repensar algumas coisas aqui que estão acontecendo no Instituto, repensar nossa matriz curricular, repensar a maneira de como algumas disciplinas estão estruturadas, porque a gente está muito atrás, então a gente quer formar um professor de matemática de qualidade, então quando eu estou falando de qualidade não estou falando daquele professor conteudista não, nunca pensei nisso, eu sempre acreditei que as disciplinas didático-pedagógicas elas têm importância fundamental, mas também como pessoa que tem essa vertente na educação matemática, é impossível você ensinar alguma coisa que você não sabe direito, que você não domina, então por isso que é importante a gente pensar, [...]não estou falando mal da instituição que me formou e que me ofereceu essa oportunidade, então tem que diferenciar as coisas, eu só estou buscando uma referência, mas eu estou falando do Instituto, mas eu também tenho outras universidades em que isso aconteceu.”

Uma coisa é certa, os últimos dias para mim, foram uma mistura da ansiedade para voltar logo para rever meus familiares, e uma correria para terminar os trabalhos e as provas das disciplinas, puder perceber que o final de semestre é sempre uma loucura independentemente de onde você esteja.

Diante de todas essas dificuldades, de todos os medos e inseguranças, diante de todos os questionamentos, como que os (as) intercambistas avaliam essa experiência para a sua formação enquanto docente?

5 AS IMPLICAÇÕES DO INTERCÂMBIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

É importante destacar que todos (as) os (as) estudantes consideraram a vivência do intercâmbio muito significativa para a formação docente. Dentre as questões refletidas destacou-se a importância do contato com a diferença cultural, a diferença de pensamentos e relações pedagógicas e a necessidade de se construir relações solidárias em um ambiente educacional. O contato com uma cultura de estudos diferente e algumas disciplinas também foram percebidas como fatores importantes para a formação docente. Diana destaca em sua fala a importância de se respeitar o outro em suas diferenças e a necessidade de conhecer diferentes formas de pensamento:

“Considero que foi importante, porque por mais que eu ache que a experiência pessoal foi muito mais relevante do que para a experiência acadêmica, eu acredito que a experiência pessoal de uma pessoa enquanto professor é extremamente válida. Então, quando a gente tem contato com pessoas diferentes, no caso eu que estava de diferente lá, mas eu também convivi com essas pessoas diferentes de mim, não só as que eram de outros países, mas também a pessoa que eu fui daqui com ela para lá, aprender a lidar com essas diferenças é extremamente importante. A gente percebe que, no meu caso eu não sabia falar, então eu tinha que respeitar eles e não querer falar: ah mas vocês não me entendem, vocês têm que me entender; então eu sabia que a gente tinha que ter mais calma com isso, respeitar também o outro de pensamento diferente, por mais que eu não tenha sentido um choque grande de diferença cultural, a questão da comida de chegar lá e falar que eu não gosto da sua comida, não posso falar isso. Então respeitar o pensamento do outro, o posicionamento do outro, eu acredito que foi muito importante, principalmente nesse ponto. Eu quando eu fui, eu pensei muito nessa questão de pontos de vista diferentes na construção de mim enquanto professora, então eu fui pensando nisso, no entanto, na carta lá que a gente escreve, foi um dos pontos que eu coloquei,

porque eu acredito que quanto mais visões você tiver para poder, não que você vá usar todas as visões, ah eu acredito em todas as visões, não que isso vá acontecer, mas você precisa de uma pessoa que pense diferente de você para você ter um parâmetro do que você vai pensar.”

Helena também destaca como foi importante esse contato com a diferença para ampliar a sua percepção e o quanto irá orientá-la em sua atuação como docente. Além disso, a aluna destaca como essa experiência foi importante no sentido de construir outro olhar para a nossa cultura e a necessidade de promover relações solidárias nas escolas, já que, foi por meio dessas, que conseguiu superar os desafios de frequentar uma instituição estrangeira:

“Eu considero que foi muito importante. Porque assim, a minha visão enquanto docente ela aumentou muito, principalmente em aceitar as diferenças das pessoas, de aceitar as diferenças culturais, aceitar a diferença da maneira de pensar, aceitar em todos os sentidos, e eu acho que isso vai me ajudar quando eu for lecionar numa sala de aula, a ver essas diferenças. E também no sentido de valorizar a cultura que nós temos e isso, creio que na hora de lecionar vai me ajudar nas minhas práticas, a levar isso para o aluno dentro da sala de aula, mostrar para ele a importância da nossa cultura, como que é importante conhecer a nossa cultura, então isso é bem legal, eu acho que isso vai me ajudar bastante enquanto docente. E porque como eu precisei muito da ajuda do próximo, isso também me fez ver o quanto é importante a gente ter essa ajuda e quanto é importante também mostrar para os alunos como ser companheiros, para serem amigos, nesse sentido. Então enquanto professora eu tentaria deixar isso bem claro para os alunos, nesse sentido de compartilhamento, de ser amigo, de ajudar o próximo, de fazer trabalhos em equipes, nesse sentido.” (Helena)

Da mesma forma, Talita também destaca a questão da solidariedade, pois viveu a experiência do que é precisar do outro para aprender, estudar, compartilhar. Além disso, destaca, também, a metodologia investigativa e o incentivo à autonomia dos alunos.

“Tanto da faculdade que vi coisas que eu jamais viria aqui, tanto de infraestrutura quanto de didática, metodologia, essa autonomia dos alunos, isso enriquece muito a gente apesar da gente querer chegar aqui e querer mudar tudo e não poder fazer nada infelizmente. Mas me enriqueceu muito, tanto nessa parte porque eu pude levar para o meu TCC, posso levar para o meu dia a dia da biologia. Quanto na parte pessoal que eu aprendi muito, porque aqui a gente era os primeiros da turma, então assim, a turminha que eu andava todo mundo tinha tempo para estudar, todo mundo conseguia sair bem facilmente, porque se dedicava. E lá não, lá eu vi que eu precisava muito das pessoas, porque se não fossem as pessoas da sala de aula, se não fossem os colegas, se

não fossem os professores se disponibilizarem em ajudar, a passar informações, a passar aquilo que eles sabem; porque a gente ficou na equipe dos alunos mais inteligentes da sala e eram pessoas que a todo momento eram professores da gente, porque eles sempre sabiam mais que a gente, então eu precisei muito das pessoas lá,[...] da convivência eu puder ver que eu preciso muito das pessoas, ao contrário daqui e aí eu puder ver como eu era ignorante aqui em não ajudar as pessoas. Depois que eu cheguei eu realmente mudei, tinha uma colega na minha sala que tinha muita dificuldade e eu me disponibilizei a ajudá-la o semestre inteiro em várias matérias porque eu tinha mais facilidade, não que ela fosse burra, nada disso é que ela precisava de um auxílio a mais que outras pessoas não poderiam fornecer e como eu teria tempo e eu tinha paciência eu me dispus a fazer isso. Então eu vi que isso para mim no pessoal me mudou muito. Vê que a gente precisa dos outros. E na formação docente para mim foi mais na parte de didática e metodológica que foi muito diferente daqui, porque aqui muitos professores entram na sala de aula e acham que instigam os alunos, acham que colocam os alunos para pensar e na verdade não, na verdade muita gente aqui dá a matéria mastigada e quando não dá os alunos xingam, porque a matéria não está mastigada. E lá não, lá a gente realmente era instigado a isso e eu vi o quanto a prática, não só o teórico, mas a prática era o que mais faz o aluno pensar realmente, porque na teórica é muito fácil, porque você faz a prova, você decora e passa dois meses você não sabe nada.[...] Então foi muito essa parte e a parte de dar autonomia ao aluno, é uma questão que eu acho muito importante que eu vi o quanto é compensador, porque muita gente acha que tem uma relação horizontal na sala de aula e não tem, na hora de falar que é horizontal ah beleza, é uma relação que eles falam eu falo, a gente discute, mas que não acrescenta em nada no aluno. Então eu acho que é uma questão a ser pensada e me fez pensar bastante na parte docente que eu pude ver outro mundo, outras vivências que realmente funcionam, não sei se no nosso sistema, do Brasil, e da nossa educação se funciona, mas lá funcionava. ” (Talita)

Fabiana que estudou disciplinas na área de educação especial, disse que tal área de estudo a fez pensar mais no outro, na situação do outro. Já Francisco, destaca que, além das vivências que o acrescentaram em sua formação pessoal, a disciplina didática da matemática, cursada na Universidade do Porto, trouxe uma grande contribuição em estratégias de ensino. Segundo eles:

Fabiana: “Nossa com certeza, pois lá eu vi... não sei, eu me formei muito, eu aprendi muito do ponto de vista pessoal, porque eu não tinha um olhar tão focado na educação especial e com isso eu comecei a olhar mais para o outro, pensar na situação do outro, me colocar nos pés da outra pessoa, então eu acho que me acrescentou nisso e também eu aprendi metodologias diferentes e a aplicá-las como são, e não

apenas vê-las na teoria mas também estar ali no papel do aluno naquela pratica. ”

Francisco: “Sim, foi muito importante, não só em termos de conhecimentos e vivencias, mudou completamente o meu pensamento, como pensar, como refletir em questão de como lidar não só em sala de aula, mas como pensar em termos de conhecer, de aprofundar em conhecimento, de como ser professor. Igual a didática da matemática ajudou bastante essa disciplina, porque aqui no nosso curso não tem, então ajudou bastante em termos de estratégias para ensinar, por exemplo, você pegar uma coisa simples, como um exercício de um aluno de 5ª série e você vai desenvolver com alunos de 8ª série, mas você vai conseguir fazer ele explorar outros conhecimentos em cima daquele exercício. Então eu acho que foi muito importante para minha formação e para minha realização pessoal também.”

O ex-aluno Lucas, já colhe bons frutos relacionados ao intercâmbio, visto que ele desenvolveu seu trabalho de mestrado sobre um programa de intercâmbio voltado para os discentes de cursos de licenciatura, que conheceu durante sua estadia em Portugal. Para Lucas,

“Sempre considerei ela importante, eu sabia que ela ia ser importante antes de eu ir, ela acrescentou como professor, na prática profissional; ela acrescentou naquele momento como estudante do curso de licenciatura em matemática; e ela acrescentou mais tarde no meu desenvolvimento acadêmico, porque eu fiz o TCC pensando num programa que eu conheci lá, também sobre intercâmbio, Programa de Licenciaturas Internacionais, e posteriormente esse mesmo projeto me deu acesso a uma vaga no programa de pós graduação, no mestrado; então, não dá nem para mensurar o quão importante foi essa experiência para mim, cultural, que eu ainda não citei, tudo o que eu aprendi; política, formação política. [...]Então esse intercâmbio ele só acrescentou, pessoalmente, profissionalmente, academicamente, ele me ajudou em todos os sentidos, repito, na minha prática profissional, tive contato com os alunos portugueses, nas escolas em Portugal, isso me influenciou, eu já tive a experiência do PIBID, então eu pude também contrastá-las, depois mais a questão da escrita, mas tudo o que eu puder conhecer culturalmente, todos os museus, todas as obras de artes, todos os sabores, enfim, então eu cresci muito como pessoa, com o cidadão, como professor, como aluno, etc, foi muito bacana, foi muito bom! ” (Lucas)

Julgo que para mim essa experiência enquanto futura docente foi de grande importância, pois as disciplinas que cursei agregaram não só o meu currículo, mas também em minha prática docente. Ter escolhido disciplinas que não fazem parte da grade curricular do meu curso me fez abrir um horizonte de nossas metodologias e estratégias de ensino. Porém,

destaco o grande aprendizado pessoal que essa experiência me trouxe. E eu, enquanto sujeito disposta a passá-la, aberta a vivenciá-la, aproveitei ao máximo cada oportunidade. Para a minha formação docente, espero que quando atuar, possa fazer com que meus alunos também tentem estar abertos a experimentar coisas novas, além de lidar com a vasta diferença em sala, pretendo usar os conhecimentos acadêmicos adquiridos com os professores da Universidade Autônoma de Yucatán em prol da educação matemática brasileira.

De um modo geral todos (as) os (as) alunos (as) consideraram que o intercâmbio foi uma experiência única e muito importante para sua formação docente. Quando pensamos em educação, pensamos, principalmente, no encontro com o outro. Educar envolve sempre uma relação com o outro e exige, de quem educa, uma relação de alteridade com aquele a quem se estabelece a relação educativa.

“Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou!” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu.” (PARDO, 1996, p15 apud SILVA, 2012, p.101)

Como podemos perceber nos relatos dos (as) estudantes de licenciatura, passar pela experiência do intercâmbio foi fundamental para construir e elaborar essa experiência da alteridade, ou seja, de compreender o outro enquanto outro, de compreender a diferença enquanto possibilidade e não ameaça, ou inferioridade.

Destaco, também, diante das perguntas que foram feitas aos intercambiastas, que para todos a experiência acadêmica foi muito importante, mas a experiência pessoal foi muito mais transformadora, todos relataram que viver com a diferença é essencial para a construção do ser humano, que devemos nos respeitar e nos ajudar sempre. Nesse sentido, todos (as) fizeram experiência da diferença, ou seja, após a experiência não puderam ser mais os mesmos, pois ela possibilitou transformações nas suas percepções da realidade, pensamentos e linguagem.

6 CONCLUSÃO

Como vimos a experiência da diferença proporcionada pelo intercâmbio oportunizou a todos os (as) intercambistas, que enquanto sujeitos estiveram abertos para o encontro com a diferença, transformações em suas subjetividades. Durante a experiência do intercâmbio vivemos a diferença e fomos o diferente, o estrangeiro. Silva traz uma colocação em seu texto, descrevendo muito que bem o que a viagem nos proporciona, o que é ser o outro, o estrangeiro.

“... a viagem obriga quem viaja a sentir-se ‘estrangeiro’, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o ‘outro’. A viagem proporciona a experiência do ‘não sentir-se em casa’ que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. Na viagem, podemos experimentar, ainda que de forma limitada, as delícias – e as inseguranças- da instabilidade e da precariedade da identidade.” (SILVA, 2000, p.88)

Durante a minha viagem para o México fui ‘obrigada’ a me sentir estrangeira, vivi a experiência do não me sentir em casa. Ser o estrangeiro foi me desafiar 136 dias, foi me permitir experimentar o outro. Foi conviver com a diferença e ser a diferença. Foi conhecer novos lugares, experimentar novos saberes, me encantar com a cultura. Foram dias inesquecíveis e que guardo com muito carinho na lembrança. Ser o estrangeiro me proporcionou inúmeras experiências, muitas histórias, mas também me deparei com muitos desafios, como o idioma, a adaptação à comida, as relações pedagógicas, a distância da família, dentre outros pontos destacados ao longo da pesquisa, posso afirmar que o intercâmbio é um choque de cultura!

Para alguns intercambistas essa experiência trouxe uma percepção de que relações solidárias são importantes no processo educativo, através dessa experiência eles (elas) perceberam a importância do outro, perceberam que sozinhos, sem a ajuda do próximo seria muito difícil ou talvez nem conseguiriam se adaptar às grandes diferenças entre os países. As alunas que foram para o México destacaram a grande importância de terem o acolhimento do outro.

Já em outro ponto, para os (as) alunos (as) esse contato com uma cultura diferentes os fizeram refletir sobre o seu próprio país, os fizeram desenvolver um outro olhar para a sua própria cultura, para a sua própria formação e as questionaram.

Experimentar a sensação de alteridade ao ser o estrangeiro, também foi um ponto de grande destaque por parte dos (das) intercambistas, pois eles (elas) estavam em lugar diferente e as pessoas em uma grande maioria percebiam que eles (elas) não eram dali, que eles (elas) eram diferentes. Alguns sentiram essa alteridade ao serem o estrangeiro de uma forma positiva, como relataram as alunas intercambistas que foram para o México. E para outros, essa alteridade trouxe alguns desconfortos, como no caso do intercambista Francisco.

Os (as) estudantes trouxeram também, na bagagem, um outro olhar sobre a educação, alguns destacaram que a autonomia dos alunos e nos estudos os marcaram muito. A grande diferença na formação também foi um outro ponto de destaque para os (as) alunos (as), essa diferença foi sentida como uma grande dificuldade para os intercambistas, visto que não estavam acostumados com o ritmo e/ou métodos avaliativos das instituições estrangeiras.

A importância de se construir diferentes perspectivas sobre a realidade para formar a sua própria linha de pensamento, também foi um ponto destacado, principalmente pela aluna Diana.

Pude perceber que a experiência é realmente única, pois por mais que todos os (as) estudantes tenham passado pela experiência do intercâmbio, ela marcou cada qual de sua maneira, cada qual a sentiu de um modo. Enquanto alguns tiveram grandes medos em determinados aspectos, outros nem tanto. Enquanto uns sentiram um grande impacto com a comida, outros nem tanto. Concluo com isso que a experiência varia de sujeito, para sujeito, e para que ela aconteça é preciso que este esteja aberto ao novo, ao diferente.

Destaco que de uma forma geral, todos souberam ‘passar’ pela experiência, todos estavam abertos para esse encontro com o outro, com o diferente. A experiência do intercâmbio foi única, e segundo as reflexões dos alunos só trouxe coisas boas.

Assim, com Larrosa (2011) concluo que esses estudantes fizeram experiência com a diferença, isso quer dizer que, ao encontrar com o outro, sentiram as dificuldades, desconfortos, alegria, admiração que a diferença provoca, no entanto, não se fecharam a elas. Ao analisarmos as reflexões dos (as) estudantes, diante das perguntas que foram feitas aos intercambistas, notamos, como dito acima, que as transformações pessoais foram mais sentidas e destacadas do que as acadêmicas, o que, de forma alguma, implica em uma desqualificação do saber acadêmico. Partimos do pressuposto de que o ser docente não se limita apenas ao conhecimento, mas, se constitui, também, por suas vivências, que possibilitaram, no caso dos (as) intercambistas, refletir sobre as relações humanas, como paciência, compreensão, solidariedade e alteridade. Essas são características essenciais para a formação docente que, aliadas ao conhecimento acadêmico, possibilitarão que esses (as) estudantes sejam propagadores (as) de conhecimento acompanhado de relações humanas mais compreensivas e solidárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, P.I. O Mestre Ignorante e o Mestre Inventor: reflexões sobre experiência e educação. In. 6 **Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação 3 Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação: Educação, Transgressões, Narcisismos**. ULBRA, 2015, Canoas/RS. Anais (online). Disponível: http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1429727136_ARQUIVO_Omestreiignoranteeomestreinventoreflexoessobreexperienciaeeducacao.pdf. Acesso em 20/09/2017

LARROSA, Jorge. **Tremores. Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. _____ **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011

SILVA, E. L; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC/PPGEP/LED. Florianópolis, 2001.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, T.T. (org.) HALL, S; WOODWARD.K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes (2012)

ANEXO

Questão para a entrevista:

- 1) Por que se interessou em fazer o intercâmbio?
- 2) País em que fez o intercâmbio? Por que escolheu esse país/cidade?
- 3) Quando você falou vou para o México, o que esperava do país? Foi mais ou menos parecido?
- 4) Qual o período que você ficou lá?
- 5) Qual foi a instituição de ensino em que realizou o intercâmbio?
- 6) Foi difícil se adaptar à língua? Você já sabia falar a língua antes de ir?
- 7) Como sentiu o impacto cultural?
- 8) Teve alguma diferença cultural entre o Brasil e o país em que realizou o intercâmbio que te deixou surpreso?
- 9) Quais foram as principais dificuldades encontradas?
- 10) Como você se sentiu sendo o diferente em uma terra estrangeira? Você sofreu algum tipo de desconforto?
- 11) O que você destaca como diferença entre as instituições de ensino?
- 12) Quais matérias você fez na instituição estrangeira? Por que escolheu essas matérias?
- 13) Algum momento teve medo de não conseguir se adaptar à instituição de ensino onde realizou o intercâmbio?
- 14) Como você avalia essa experiência para a formação do professor. Você considera que foi importante para sua formação enquanto docente?